



# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

## Editorial

**N**O dia 1 de Outubro realizaram-se as eleições para escolha de novos deputados e de novo governo. Contra o que muitos supunham, mas em conformidade com o que as sondagens vaticinavam, o Partido Socialista foi vencedor destacado, enquanto que o PSD averbou assinalável derrota.

Estamos crente que a causa da derrota do grupo fundado por Sá Carneiro não ficou a dever-se ao modo como a campanha eleitoral foi realizada. Ficou a dever-se, isso sim, a causas mais profundas, ao grande descontentamento que grassava entre a maioria dos portugueses. Não esqueçamos que havia e há 500.000 desempregados, um milhão e trezentos mil pensionistas a receberem menos de 20 contos mensais, mais setecentos e cinquenta mil aposentados a viver com reformas de 27.500\$00, em contraste com alguns privilegiados que ao fim do mês averbam quantias a roçarem ou a ultrapassarem os mil contos mensais, os dois mil contos e até os quatro mil.

Em qualquer país onde isto se verifique, o descontentamento generaliza-se e nas eleições ou revoluções os povos manifestam o seu mal estar. O PSD esteve dez anos no governo. Sem dúvida que se abriram estradas, construíram hospitais, se levantaram escolas. Houve um progresso até porque Portugal tem recebido muitos milhões dos fundos comunitários. Mas nesta faixa ocidental nós continuamos a ser os mendigos da Europa, só comparáveis aos povos da Grécia. E depois verifica-se uma contagiante e progressiva corrupção que não poupa os considerados intocáveis,

## PARA PIOR JÁ BASTA ASSIM

os que viviam acima de qualquer suspeita. Os contrastes na tabela dos ordenados são revoltantes. O estadão dos ministeriáveis ou dos protegidos pelo aparelho do partido, choca a sensibilidade mesmo dos mais embotados. O Comissário Cardoso e Cunha, responsável pela Expo-98, atribui a si próprio um ordenado mensal de quatro mil e quinhentos contos; o Prof. Freitas do Amaral, Presidente da Assembleia Geral da ONU, ocupa uma *suite* em Nova Iorque de muitos milhares de contos mensais. E o povo a aguentar-se com meia dúzia de pelintrados contos ao fim do mês.

Felizmente que a gente portuguesa já adquiriu maturidade cívica para votar em boa paz e boa ordem, mas a sua mensagem de voto foi um rotundo *não* a este estado de coisas.

Em Fão ganhou o Partido Socialista o que quer dizer que os fangueiros estão em sintonia com o que pensa e sente a maioria do país. Foi uma atitude de revolta tanto contra o poder autárquico como contra o poder estatal.

Será que isto vai mudar? Por idade e por temperamento somos pessimista. No entanto estamos com a cantiga: "para pior já basta assim".

## SOBRE O CONCEITO DE "PEQUENO"

No penúltimo número de "O Novo Fanguero", ao referirmo-nos ao novo salão paroquial, apodámo-lo de "pequeno". Pelos vistos o termo utilizado não agradou ao correspondente o "Nascer de Novo" em Fão que por isso nos insulta e indirectamente nos chama mentiroso.

Onde é que nos insulta? Quando diz: "o meu amigo que usa lentes de aumento quando se refere à família e aos amigos..." O mínimo que podemos chamar ao eclesiástico jornalista é *distratado* ou de *sensibilidade desgastada*. Queríamos que nos dissesse em que número do jornal isso aconteceu. Se quiser emprestamos-lhe a nossa colecção. se o não fizer, podemos chegar à conclusão de que diz aquilo que não sente, o que é muito grave num reverendo. É evidente que se um familiar nosso ou um amigo realiza obra meritória em prol da comunidade ou evidencia dotes singulares, nós damos a notícia, tal como o fazemos com aqueles que nos são

indiferentes ou até hostis. É nosso lema que um jornal local é também uma acta daquilo que é relevante numa terra.

E onde se insinua que mentimos? É nesta frase: "um jornal cujo objectivo é a promoção da sua terra não o conseguirá com apreciações redutoras das suas instituições, nomeadamente quando não são verdadeiras".

O que é ser pequeno? Diz o dicionário da Porto Editora que ser pequeno é possuir dimensões exíguas. Trata-se na verdade de um conceito muito relativo. Quando é que uma esmola é grande ou pequena? Depende muito da personalidade do doador e do receptor, do objectivo que se tem em vista, de certas circunstâncias, enfim, de muita coisa. Em nosso entender a quantia que se dá para a festa da Bonança ou para os festejos do Senhor de Fão têm bitolas diferentes. Uma esmola que se ofereça para o arranjo de um altar ou para a

edificação de uma igreja é passível de aferições diferentes.

O que se entende por uma casa grande? Tudo depende do sítio onde ela se ergue: se é uma cidade ou aldeia, se está numa rua com edifícios altos e largos e muitas divisórias ou numa ruela semeada de casebres.

O que se entende por um salão grande? Bem, salão é sempre maior que uma sala, mas pode ser um salão maior ou menor, grande ou pequeno. E o salão da nossa terra é grande ou pequeno? Qual o critério? É nossa convicção que um dos critérios será o consenso e o outro a comparação. Cotejando o nosso salão actual com o que tínhamos ou com o de Apúlia ou o de Esposende, somos forçados a dizer que é um salão pequeno.

Já quanto ao consenso podemos revelar que várias pessoas têm-nos perguntado o porquê daquela diatribe do sr. Prior no jornal "Nascer de Novo". Nós esclarecemos: "Foi por chamar *pequeno* ao salão paroquial". E as pessoas

# SOBRE O CONCEITO DE "PEQUENO" NÃO MATEM AS ROLAS

(Continuado da pág. 1)

rematam: "E então aquilo não é pequeno? Claro que é". Até hoje não encontramos um fangeiro que nos dissesse que o salão era grande. É o tal consenso.

Para a sua tese de que o salão paroquial é grande, o P.e Vilar aduziu números: "realizaram-se sessões semanais em favor de 170 crianças, com a colaboração de 21 catequistas, a preparação de 150 jovens adolescentes para o sacramento do Crisma, mais cerca de 30 adolescentes para a profissão de fé e 40 crianças para a primeira comunhão". Além disto "conhecidas individualidades da investigação e da cultura vieram tratar diversos assuntos de interesse geral".

Ó sr. Prior: estes números só nos vêm dizer que *grande* tem sido o seu labor catequístico. Não foi por acaso que os seus pares o escolheram - pároco de Fão - para presidir ao arceprelado de Esposende. Mas quanto à grandeza do recinto, nada se conclui.

Dado o exposto, tem que se admitir que é abusivo declarar peremptoriamente: "*nomeadamente quando não são verdadeiras*". À luz de que princípio, à luz de que lógica, à luz de que filosofia se faz tal afirmação?

Na verdade lamentamos que o salão tenha as proporções que tem. Fão é tradicionalmente uma terra de teatro, uma terra de fados e é pena que não disponha de uma sala à altura da sua dimensão artística e cultural. E o sr. Prior repense: não dispõe do dom de infalibilidade que alguns tantos atribuem ao Papa. Deve ser mais modesto e evitar guerrinhas que não enobrecem ninguém.

N. B.: Estamos em condições de poder afirmar que uma das pessoas que mais adjectivos positivos levou neste jornal foi o actual pároco de Fão.

Todas as Primaveras a Natureza nos presenteia com um espectáculo maravilhoso: são as árvores que florescem, são os passarinhos que com os seus cantares nos deliciam, ao mesmo tempo que tratam da sua prole, dando assim continuidade à vida.

Esta última Primavera teve para mim uma experiência diferente. Vindas do pinhal que fica por trás do meu quintal, cinco rolinhas entraram no galinheiro e começaram a alimentar-se junto com as galinhas.

Não sei explicar a razão porque eram cinco, sabendo nós que as rolas só põem dois ovos em cada postura. Provavelmente eram de mais que um ninho.

Como não fossem incomodadas, todos os dias se alimentavam com o milho destinado às minhas galinhas; eu já contava com elas e portanto aumentava a ração. Sentia-me feliz por ver aquelas simpáticas aves ali tão perto sem se incomodarem muito com a minha presença. Eu procurava não me aproximar demasiado para as não assustar.

Cheguei a comentar com alguns amigos ter tido o privilégio de ser escolhido pelas simpáticas aves.

Elas habitavam um pinheiro que fica sobranceiro ao muro do meu quintal e sempre que precisavam comer faziam um voo planado até ao galinheiro. Depois de saciadas, voltavam ao pinheiro. Eu sempre presenciava com agrado esta operação, que se prolongou durante alguns meses.

Talvez as rolas pensassem entre si que o homem não era assim tão mau como o faziam. Engano seu!

Nos primeiros dias de Outubro, estava eu dentro de casa, quando ouvi uns disparos. Corri à janela ao mesmo tempo que vi uma rolinha que esvoaçava fugindo do pinheiro onde costumavam estar. Praguejei alto e disse aquilo que ninguém gosta de ouvir. Desesperado, corri ao quintal e subi o muro para identificar o herói de tão grande façanha, mas ele já lá não se encontrava. Fugiu de mim com certeza. Fiquei com a esperança de que talvez elas se tenham escapado, muito embora eu só tivesse visto uma a fugir.

Desci o muro e não foi difícil observar no chão algumas penas, que provavam inequivocamente que alguma foi atingida. No momento em que escrevo esta crónica, se assim se lhe pode chamar, já decorreram três dias e não voltei a ver as minha vizinhas rolinhas. Certamente o atirador estava munido de uma licença que lhe dava o direito de matar aquelas simpáticas aves, pois oiço frequentemente dizer que já abriu a caça às rolas.

Alguna delas que tenha escapado, já cá não quer voltar pois deixou de confiar nos homens que tudo querem submeter à sua vontade, sem o mínimo de respeito pela Natureza.

Porque se autoriza a caça às rolas?

JOSÉ RAMOS DA SILVA

## RECORDAÇÕES DE FÃO DE ANTIGAMENTE

### A IGREJA DA MISERICÓRDIA

Quando entro na Igreja da Misericórdia, sempre me parece que paira no ar um misto de tristeza e solidão.

Faz-me lembrar os tempos passados, em que aquelas paredes foram testemunhas quedas e silenciosas, das angústias, das lágrimas amargas, dos dramas íntimos, das mulheres de outras épocas.

Nem toda a gente sabe, que naquela igreja se celebrava missa à meia noite. e à meia noite porquê? - perguntarão!...

É que toda a moça que se enamorasse de um homem e o sedutor a abandonasse depois de a ter usado, a desgraçada não mais saía a para a luz do dia, pis a vergonha e o opróbio era tais que a infeliz não mais tinha coragem para olhar de frente as outras pessoas.

Não havia preservativos, nem píslulas, nem qualquer outro método para evitar a gravidez; quando tal acontecia, era o cúmulo da vergonha.

Por esse motivo, o pároco de então, celebrava uma missa à meia noite, para que essas infelizes mulheres, pudessem ir à missa sem serem vistas.

Não havia luz eléctrica, nem nas ruas nem nas casas.

Na igreja só a luz bruxulante das velas do altar e uma lamparina a meio da igreja, suspensa do tecto por um cordel.

Naquele tempo usavam-se uns saíotes de fazenda grossa e umas saias muito compridas e muito rodadas.

Então as mulheres pegavam na ponta da

saia pela parte de trás e viravam a saia por cima da cabeça. Ficavam de tal maneira encapuçadas, que só a ponta do nariz e os olhos ficavam a descoberto. Só se viam uns vultos irreconhecíveis.

Então sim, só aquela escuridão e naquele anonimato, se atreviam a sair de casa para assistir à celebração da missa da meia noite, evitando deste modo mais uma falta, a juntar ao seu já pesado fardo de pecados, por terem amado um homem. Eu diria antes, por terem amado um sacana.

Pecados!... Pobres mulheres de então!... Eram dignas de dó e compaixão. Marcadas para sempre com o ferrete do opróbio. apenas porque foram humanas e amaram.

Apesar do infortúnio que as rodeava, ainda conseguiram ser heróicas e prover ao seu sustento, assim como também ao filho que iria nascer.

Chegaram alguns a ser homens de grande carácter e destaque social como o foi o finado Lamek que chegou a ser comandante de mar e guerra, um dos mais altos postos da Marinha Brasileira.

- Ah!... Pobres mulheres de então! Como eu vos lamento!... Eram enganadas, traídas, e como se não lhes bastasse o seu sofrimento íntimo, ainda tinham que se esconder, fugir das pessoas como se fossem proscritas, criminosas!...

Calou isto tão fundo em mim, ao ouvir esta

(Continua na pág. 11)



# DE APÚLIA

**ELEIÇÕES** – Disputadas até ao último “cartucho”, as eleições legislativas, em Apúlia, decorreram com muita elevação, civismo e respeito.

Outra coisa também não seria de esperar numa terra que, com algum custo e até com algumas resistências, se vai civilizando progressivamente.

Como é do conhecimento público, nestas eleições, foram candidatos por três forças políticas diferentes, pelo Círculo de Braga, os apulienses, Professora D. Laurentina Veloso Fernandes Torres, pelo CDS/PP, Senhor Alberto Queiroga Figueiredo, Presidente da Câmara Municipal de Esposende, pelo PSD e o Senhor Adriano Lopes Alves Pereira, reformado dos CTT pela UDP.

Como facilmente se antevia, apenas um desses apulienses, o candidato pelo PSD, Senhor Alberto Queiroga Figueiredo, conseguiu o número de votos para ser eleito.

Em Apúlia, contrariamente ao que se possa pensar, dizer ou escrever, todos ficamos contentes e honrados com esta eleição, porque ela representa um marco importante na história presente e futura de toda uma terra.

Pela primeira vez, no seu longo historial de alguns séculos, Apúlia vê um filho seu ser eleito deputado à Assembleia da República, o segundo mais importante Órgão de Soberania do País.

A título de curiosidade refira-se que, pela primeira vez, a Assembleia Eleitoral de Apúlia, funcionou na Escola C + S.

**FUTEBOL** – No seu primeiro jogo oficial para a Distrital de Braga (Divisão de Honra), o Apúlia empatou em casa (2 x 2) com o Esporões.

Não foram famosas as entradas, o que terá de ser considerado normalíssimo, numa equipa que se está a construir.

**PRACETA DA ESCOLA C + S DE APÚLIA** – A praceta fronteira à Escola C + S de Apúlia, já tem passeios, bem largos, por sinal, também já foi calcetada, e também já tem iluminação artificial. Está pronta, portanto.

O facto de só agora, poucos dias antes das eleições se completar esse arranjo, deve ser mera coincidência, já que o mesmo estava previsto de há muito.

**ACIDENTE DE VIAÇÃO MATA OUTRO APULIENSE** – No último número deste jornal noticiamos o acidente de viação ocorrido na variante da Póvoa de Varzim, que vitimou o nosso conterrâneo Mário Igreja Azevedo.

Por ironia do destino, em circunstâncias idênticas, sucessivamente à mesma hora da manhã, e no mesmo local, da mesma variante da Póvoa de Varzim, também em acidente de viação, faleceu o nosso conterrâneo Manuel Francisco Ribeiro Sampaio, residente no lugar de Paredes, comerciante.

Era filho de Cirilo Alves Sampaio e de Emília Gonçalves Ribeiro. Tinha 44 anos, feitos em 14 de Fevereiro, e era casado com a Senhora Ana Lopes da Conceição Correia.

Para os seus familiares os nossos pêsames.

**CAMINHO DAS BOURIÇAS** – Quem conheceu a Apúlia profunda, os seus pinhais e as suas veigas, os seus campos e os seus montes, há-de lembrar-se, por certo do Caminho das Bouričas, que apenas permitia a passagem de carros de bois, ou tractores.

A lama e a água que ficavam dos invernos mantinham-se sempre inalteráveis até aos primeiros meses do verão.

As pessoas, que tinham de fazer esse trajecto iam pelos carreiros batidos que o bordejavam, uns bons centímetros mais acima.

E essa situação, não obstante esse caminho ser o elo de ligação mais curto entre os lugares de Criad e da Igreja, sempre se manteve assim até meio deste ano.

Agora, calcetado e alargado de fresco, não mais será necessário procurar os carreiros para a ligação Igreja/Criad.

De pé enxuto e sapato limpo, os apulienses já vão poder utilizar esse trajecto, a pé ou de carro, em menos tempo, e com menor esforço.

Um pequeno grande melhoramento para os habitantes da zona poente do lugar de Criad, principalmente.

**TERRA DE SARGACEIROS** – Não deve ter sido por acaso, que Apúlia também é conhecida por Terra dos Sargaceiros.

Desde quando? Seguramente que há muitas dezenas de anos, desde que por cá se começou a “tirar o argaço”, fertilizante com que os apulienses obrigatoriamente adubavam as suas terras.

Os primeiros dias do mês de Setembro vão ficar na memória de muita gente. Durante três ou quatro dias seguidos, de manhã à noite, a “mareada” foi de tal ordem que o sargaço “enxurrou” na areia, em toda a praia, do “Furado, até à “Cruz”.

Tudo, campos, dunas, caminhos e praia, ficaram cobertos de sargaço e o do seu iodo.

Dizem os mais velhos que não se lembram de coisa assim.

**PARA O BRASIL** – Já regressou ao Brasil o amigo assinante deste jornal, senhor Isafas António de Barros, juntamente com sua esposa D. Maria Lopes Fernandes.

– Também depois de uma bem aproveitadas férias entre nós, já regressaram ao Brasil os nossos conterrâneos Amândio do Monte Dias e esposa D. América Inácio Dias, os filhos Luís Fernando e Elisa Inácio Dias e Manuel Dias Torres.

Para o ano (pensamos), cá estaremos para os “bate-papo” do costume com todos estes bons amigos apulienses.

## SAUDADE E PORQUE NÃO?...

Saudade amor! Será?... e porque não?...  
Desse lindo sonho de amor, por nós vivido...  
Apaixonado, terno, tão querido!...  
Que ambos tínhamos em nosso coração.

Esquecer! Tentei... Só que não posso.  
Pois deixou tanta beleza a recordar...  
Que da mente, jámais posso apagar...  
Aquele amor lindo, que era nosso.

E quantas vezes amor julguei esquecer!  
Tua imagem no meu peito, quis matar  
O teu amor de mim, eu quis correr.

Amando-te amor! Mandei-te embora!  
Mas a saudade intensa, faz lembrar  
Que amo o teu amor, que deitei fora.

MARIA ROSÁLIA

NOVO TALHO  
JACINTO

Carnes de Qualidade  
"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

## REMINISCÊNCIAS DE UM EMIGRANTE

### Os fangueiros no Rio de Janeiro e no Brasil

(Continuado do número anterior)

De AMÂNDIO C. CARAMALHO

Conheci o Artur do Coxo e o Chantra, que em 1934 vieram trabalhar comigo nas obras do João Ventosa, o Manuel Paralta, pai, assim como a Rosa das Voltas, casada com o Alberto Carpinteiro e a Elvira Tuta, casada com o Luiz 70. Moraram em nossa casa algum tempo. E sucessivamente, ano a ano, chegavam novos fangueiros.

O José Mano trouxe a esposa Micas Cardoso, e conheci outros que já se encontravam aqui, como os irmãos Manuel e António Campos Moraes, este mais tarde meu chefe no armazém de montagem das máquinas de costura PFAFF, de firma alemã, sendo eu seu auxiliar de escritório. Foi meu padrinho de casamento civil. Conheci a Beleza e o marido, a sr.<sup>a</sup> Mariana e o filho Mariano, o Quim e Eugénio Ventura, filho da sr.<sup>a</sup> Aurora e o esbelto colorete e delicado sr. de Cabo Verde, com quem também brincámos em Fão na infância, no Largo da rua de Cima. Conheci a Rosa Consul e sua filha, casada com o tio, assim como vi chegar o Edmundo Reis Graça, o Joaquim Pedrosa e o Quintino, que foram trabalhar com o tio Salomão nas barcas d'água. O António Lopes (Cavaca) e o irmão Alfredo, o Artur Saraiva e o irmão Adelino, hoje vivendo em Fão, o Manoel Cantoneiro, o João Reis Graça e os irmãos, Rodrigo e o Avelino. Por volta de 1937 o meu primo Inácio, da Vicenta, mandou vir a sr.<sup>a</sup> Ana e as filhas, Bina, Cremilda, Iracema e o Benjamim, para se juntarem a outro filho Inácio em Porto Alegre e ao Alberto que ficou aqui no Rio. Veio a Professora D. Palmira, que se havia casado com o sr. Vasco Vieira, que tinha comprado a serralharia Veiga, e com ela veio a Rosa, de Palmeira, sua empregada e que depois foi minha cunhada. Veio também toda a família Manoel Pedro, com os filhos: a Micas, casada com o Joaquim Carneiro, a Rosa com o marido Quim, que era carpinteiro, mais a Undina que casou com meu primo Zeca Faneco, o João e o Álvaro. Por esse tempo estourou a 2.<sup>a</sup> guerra e a emigração parou um pouco.

Nessa altura, nós já morávamos em Olaria, levados pelo António Gonçalves Calafate, casado com a Helena (Manca), sobrinha da sr.<sup>a</sup> Helena Morgado, que depois também veio para o Rio com as filhas Madalena, Maria Alice e Teresa. O Manuel Morgado já tinha falecido. Também o conheci, assim como seu filho Avelino, com quem, em Fão ajudei muitas vezes a tocar a sineta da igreja do Senhor Bom Jesus, na hora do meio dia, enquanto ele puxava o sino grande. O Zé Mano com a Micas Cardoso, também vieram morar em Olaria. Depois o Carlos e, terminada a guerra, a emigração voltou com toda a força e Olaria se transformou num Fão pequeno.

O António Cavaca mandou vir a Candinha Reis e filhas e fez casa em Olaria. O irmão Alfredo mandou vir a filha do sr. Fontes, com quem havia casado e filhas, e também foi para lá morar o João Quintas (ou Furtado) que mandou vir a Maria Reis e filho para quem montou residência. Assim foram chegando o Neca Pelica com a Ana Cardoso e a tia Santa, o Herdeiro com a minha prima Micas e filhos, A Bina Chita e filhas; a Amélia, mãe do Manuelzinho, veio morar uns tempos com o marido David e filhas em nossa casa. E depois o Alexandre. Mais tarde veio a Alice com a Rosa, Bete e irmão. Em Niterói moravam muitos fangueiros que não cheguei a conhecer, mas o David e a Maria Pedrosa,, eram amigos, como

também conheci o sr. Isaías e depois os filhos Isaías e Valdemar, já que o Casimiro, que havia sido meu companheiro nas brincadeiras da rua da Cruz, casou em Fão com a Beatriz e só veio mais tarde. No nosso encontro dei-lhe um "responso" em regra, pelo seu abandono à família, e principalmente aquele anjinho, que eu adoro, que é a santinha da Anginha.

No término da 2.<sup>a</sup> guerra, então já casado, vim morar em Bonsucesso e perdi um pouco o contacto com os novos fangueiros que chegavam, e mais ainda com o falecimento de meus pais em 1950.

Com a realização da festa de confraternização dos fangueiros, em Abril de 1973, no dia do Senhor Bom Jesus, com a presença do meu primo Tino Glória e Laidinha, do Carlos Turra e esposa, mais o Padre Avelino que rezou a missa no Club Coringa, em Olaria. Levado ainda pelo entusiasmo de nossa primeira visita a Fão, em 1970, depois de 43 anos, retomei o contacto com uma geração que já não era do meu tempo, e conheci então mais de uma centena de conterrâneos, com os quais nos relacionamos e guardamos os nomes de alguns: o Maximino e irmãos, que moravam aqui perto de nós, em Maria da Graça; conhecemos o Jesus Viana, o Paralta (filho) a Engrácia Reis Graça, o Elias Vilas Boas e esposa Leda, mais sua irmã Gilda, o Carioca, o Abel Torres e Julieta, os filhos da Letinha, M. Gracinda e Cândido, o Cabral das Pedreiras (pai e filho) e outros cujos nomes não consegui guardar. Descobri no Pará, na ilha de Marajó, depois de 50 anos, a numerosa prole de meu tio Elias, alguns dos quais fomos conhecer pessoalmente em Brasília. Antigamente, no tempo da "BORRACHA", o Pará e Amazonas eram o celeiro das conquistas e esperanças de fortuna. Quantos milhares por lá desapareceram sem nunca mais se saber deles? Mesmo assim ainda hoje muitos EMIGRANTES vivem por lá e lembro o Manuel Domingues, marido da minha prima Adelina Tuta, assim como o seu filho Júlio e a Zaida, que nunca parou de chorar de saudades do seu marido. Tiveram que mandá-la de volta, e aqui no Rio, na casa da minha irmã Isolina, esperou a saída do navio para Portugal. O mesmo, aconteceu com o Maia, que chorava tanto de saudades que as lágrimas caíam nas roupas que costurava, e a outros mais.

É assim a vida do EMIGRANTE.

Posso garantir, que 60% dos emigrantes, que iam para o Brasil, para a Índia, para a África, em especial para Angola ou Moçambique, jamais voltaram à sua terra natal, porque metade deles morria antes de chegar ou se estabelecer no destino. Outra metade constituía família por necessidade e não conseguiam recursos para uma visita ou porque não desejavam voltar por razões pessoais. 25% voltavam uma vez, 10% talvez mais de uma, e apenas 5% conviveram até ao fim, com alguns deles morrendo em Fão, ou na sua terra natal.

Mas do nosso reencontro com Fão, em 1970, e do AMOR que sempre nutri por ele, me fez renascer todo o passado, e aproveitar para falar à JUVENTUDE de hoje, que a grandeza do progresso actual, tem por base o trabalho e sacrifício dos emigrantes.

Não existe PRESENTE, nem FUTURO, se não houver PASSADO.

E neste século, que o APOCALIPSE diz que vai mudar os rumos do Planeta Terra, eu tive o prazer de ver tudo, e até o homem PISAR NA LUA. Há 600 anos, mais ou menos, quando

Copérnico e Galileu disseram que a Terra era REDONDA e girava em torno do SOL, foram ameaçados de morte.

Pois eu vi Fão sem luz. Suas ruas de terra batida, ao natural, que meus pezinhos de criança de 9 anos pisaram sem nunca me magoar, porque não tínhamos sapatos. Vi inaugurar a primeira carreira de camionete entre Esposende e o Porto, parar na rua Direita (actual Azevedo Coutinho), defronte à confeitaria do Albino Torres, com música e foguetes. Vi inaugurar o glorioso corpo de BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS, com a carroça coma Pipa d'Água e o sr. Regada sentado, puxada por rapazes a correr, para fazer a demonstração de salvamentos de um incêndio, na casa da D. Sarinha (hoje Rita Fangueira), com o D'Areia com camisola de mulher a encenar desespero e ser colocado dentro de uma mangueira a ser apanhado em terra firme defronte ao Clube Fãoense, isto depois do incêndio da loja do sr. Américo.

Vi a primeira missa do Padre Avelino e Carlos Lima, e ajudei à missa com 7 anos, em latim, a todos os Padres de Fão, inclusivé o Padre Alaio e Job Teixeira, quando vinham passar as férias. Fui buscar a mando do Prior Nogueira, muitas vezes, a lata com hostias, na casa da tia Pécula, e ouvia sempre a mesma recomendação dela: "Leva direitinho, meu menino... e não BULAS na lata que é pecado"... E enchia-me a mão com aparas das hostias, que eu gulosamente e esfomeado, ia comendo pela rua até entregar a lata ao sr. Prior.

Vi, dias antes de embarcar para o Brasil, a cerimónia da ligação da Chave Eléctrica, numa cabine que fizeram perto da ponte, do lado do mar, que iria iluminar nosso Fão coma LUZ do século e do progresso.

Mas tudo isso foi luta e esforço do passado.

Quantos SERES HUMANOS pereceram nessas buscas, ou quantos EMIGRANTES?

Quantos EMIGRANTES PORTUGUESES dormem no fundo dos MARES ou no meio de FLORESTAS INFECCIOSAS, para plantar o progresso de hoje?

E os nossos AVÓS, BISAVÓS e demais ANTEPASSADOS como foi que desapareceram sem ninguém saber?

E as viúvas e os órfãos, que ficavam à mercê dos seus protectores ou credores que se apoderavam dos seus BENS por meios e processos de esperteza?

Assim foi a miséria do passado, para criar o conforto do presente.

Quando vejo o foot-boll pela televisão, me lembro que quando cheguei aqui no Rio, há 68 anos, ninguém tinha um RÁDIO. E o telefone?... hoje leva-se no bolso.

Tudo isso meus JOVENS, é obra do passado.

Hoje em Fão há uma pousada para a Juventude.

E para os Emigrantes?...

Não queremos nada... mas exigimos GRATIDÃO e AMOR.

E é esse AMOR que vos venho oferecer. Esse AMOR é o que nos ensinaram na vida, e que passo para todos os que desejarem, diz assim:

QUANDO, enfim, quiserem saber quem SOU, pergunta ao riacho que murmura e ao pássaro que canta, à flor que desabrocha e à estrela que cintila, ao moço que espera e ao velho que recorda.

EU SOU a dinâmica da VIDA e a harmonia da NATUREZA.

Chama-me AMOR, o remédio para todos os male que te atormentam o Espírito.

Rio Julho 1995

# PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Então como estão a correr as coisas, no início deste novo ano escolar? Esperemos que bem, embora com uma saudadezinha das férias que já lá vão...

## PENSAMENTOS

Sinto-me perdida no Mundo!  
Vagueio pelas sombras densas da escuridão...  
A revolta é imensa,  
a dor acompanha-me...

Porquê a corrupção?  
Porquê a injustiça?  
Porque o ódio, incompreensão, destruição, sofrimento?  
Será que os, chamados, adultos são inteligentes?  
Não, são ignorantes, cruéis e hipócritas  
Guerreiam constantemente uns com os outros...  
Tornam esta esfera azul a que chamamos Terra,  
num mundo miséria e dor!

E depois, depois, não querem que nós, os jovens  
provoquemos e nos revoltemos!  
Chamam-nos geração rasca!!  
Dominados pelo ódio, não vêem o seguinte:  
No interior de cada jovem como eu,  
existe um espírito de criança, que sofre, que chora...  
Queremos mudar o mundo;  
tentamos, mas não conseguimos.  
Porquê?!  
Porque os adultos não nos compreendem.  
Mas, é difícil compreenderem-nos,  
quando não se entendem eles próprios!!...

MARGARIDA AZEVEDO

(Vencedora do concurso de Poesia na Escola Secundária de Esposende)

ESTA FOLHA TEM O  
PATROCÍNIO DE:

*Impetus* 

## PAUSA PARA SORRIR

No tribunal:  
O Juiz para o réu: – “Se você não estava culpado, porque é que o guarda o foi encontrar escondido atrás de uma árvore?”  
O acusado responde: – “É porque a árvore não era suficiente grossa, senhor Juiz!”

★

Um indivíduo de determinada etnia, à hora da morte chama os dois filhos e pedelhes:

– “Por tudo vos peço que, quando casardes, seja com mulheres da vossa raça, que essas é que vos compreendem e vos farão felizes. Se algum de vós me desobedecer, o meu corpo dará meia volta no túmulo!”

Passados tempos, o filho mais velho sabe que o irmão casou com uma senhora de outra raça. Vai procurá-lo e censura-o por ter desobedecido ao pai.

Passados tempos, é ele que, por sua vez, casa com mulher de outra etnia.

O irmão mais novo encontra-o na rua, e mostra a sua admiração:

– “Então ralhaste tanto comigo por ter escolhido esposa de outra raça e tu fazes o mesmo?”

Embaraçado, diz o mais velho: – “Foi só para o nosso pai não ficar para sempre de barriga para baixo dentro do túmulo!...”

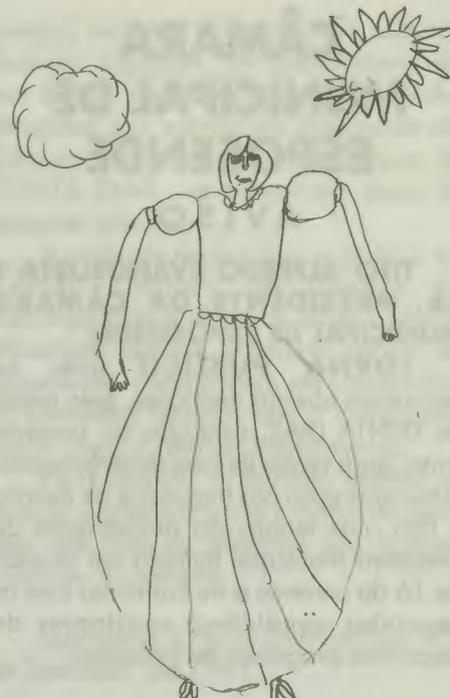
## A VERDADE ESTÁ NOS SENTIMENTOS

Já tentei fazer um poema,  
Daqueles cheios de palavras  
Que vivem, saltam e riem,  
Ladilhado de versos quadrados,  
Postos lado o lado.

Mas rapidamente me compreendi incapaz  
de encerrar os meus sentimentos  
Dentro de uma medida  
Que não à sua.

E acho que isso ninguém compreende.  
Que os sentimentos são imensos e infindáveis,  
Como cordas grossas  
Que sulcam o Universo da Razão  
Na procura da verdade  
Acerca de quem somos.

MARTA MARIZ MENDES  
(17 anos)



Desenho de JOANA SÍLVIA  
(4.º lugar no concurso da revista “Notícias Magazine”)

## HUMANIDADE

A humanidade é cruel,  
Todo o ser é desesperante  
E por isso  
refugio-me no oceano  
de água gélida,  
Tão fria...!  
Nem assim,  
Nem assim o posso comparar  
Com o frieza humana!!!  
de que vale ser sincera  
Num mundo de traições?  
Digo o que querem ouvir  
E ficam felizes,  
Mas são só  
mentiras e incertezas!  
Não me sinto culpada  
Quando sou sincera,  
É a minha natureza,  
Sou eu mesmo  
Mesmo quando não agradável  
E quem não quer  
Que não ouça!!!  
Não me sinto culpada  
Quando me criticam,  
Ajo como quero  
E brinco como gosto!  
Não, não me traem,  
Não me deixo levar por mentiras,  
Não entro em jogos  
Para os quais não sei as regras,  
Nos quais não tenho a certeza  
da vitória garantida!  
Um homem é um ser cruel,  
como uma águia que é predador  
e procura o seu presa;  
Um homem é um ser simpático,  
Como um cão dócil  
Que obedece ao seu dono;  
Um homem... todos os homens...  
A Humanidade é fiel e traiçoeira,  
Age como lhe convém,  
A Humanidade é um conjunto  
De todos os animais habitantes e conhecidos!  
Somos todos tão inúteis  
Que não queremos nada,  
Não sentimos!!!

FILIPA MAGALHÃES  
(17 anos)

# CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

## AVISO

**TITO ALFREDO EVANGELISTA E SÁ, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:**

**TORNA PÚBLICO** que, se encontram abertas inscrições, pelo prazo de TRINTA DIAS, contados do presente aviso, para venda de lotes de terreno para auto-construção nas freguesias de Belinho e Fão, nos termos da deliberação do Executivo Municipal tomada em reunião de 16 do corrente e de harmonia com as seguintes condições, constantes do respectivo programa de concurso:

### I - CONDIÇÕES GERAIS DE ADMISSÃO AO CONCURSO

1. Podem candidatar-se à compra de lotes de terreno para auto-construção, todos os cidadãos residentes no concelho de Esposende, há mais de um ano e tendo como primeira preferência os residentes na freguesia onde se localiza o loteamento e que reúnem cumulativamente as seguintes condições:

1.1 - Capacidade eleitoral através de inscrição no recenseamento da freguesia, com agregado familiar constituído;

1.2 - Rendimento anual do agregado, no ano de 1994 não superior a 2.210.000\$00 ou 500.000\$00 / ano per capita;

1.3 - Não possuir habitação própria;

2. A prova de naturalidade, residência e capacidade eleitoral, é feita, em princípio, pela exibição do cartão de eleitor, confirmada pela respectiva Junta de Freguesia.

3. Entende-se por AGREGADO FAMILIAR o conjunto de pessoas que vivem com o candidato em comunhão de mesa e habitação, ligados por parentesco, afinidade e adopção.

3.1 - A composição do agregado familiar será confirmada pela respectiva Junta de Freguesia.

4. Como rendimento do agregado familiar, considera-se o conjunto do valor do vencimento, salários ou subvenções ilíquidas do concorrente e das restantes pessoas do seu agregado, bem como quaisquer rendimentos de carácter não eventual, exceptuando-se unicamente o abono de família.

4.1 - A prova de rendimento será feita, em princípio, por declaração autenticada da entidade patronal e declaração da Repartição de Finanças

relativamente a outros rendimentos.

4.2 - Podem concorrer os funcionários municipais em igualdade de circunstâncias com os concorrentes residentes na freguesia.

### II - INSCRIÇÕES

5. As inscrições serão feitas através de impresso próprio a fornecer pela Câmara Municipal, no prazo de trinta dias, após a data do presente aviso para o efeito publicado.

6. Publicação de listas provisórias dos candidatos, com indicação dos admitidos e dos excluídos, quinze dias após o último dia do prazo para inscrição.

6.1 - Estas listas serão afixadas na Câmara Municipal e Juntas de Freguesia respectivas, sendo dada publicidade da sua afixação num dos jornais mais lidos na área do município.

7. Conversão das listas provisórias em definitivas se no prazo de dez dias contados da publicação das listas referidas no número anterior, não for apresentada qualquer reclamação pelos candidatos directamente interessados.

7.1 - No caso de haver reclamações, estas serão decididas pela Câmara Municipal, no prazo de quinze dias.

### III - HASTA PÚBLICA

8. As hastas públicas realizar-se-ão nos dias e horas a indicar oportunamente, e nelas só poderão participar os concorrentes.

9. Abrir-se-á licitação pública, com base no valor fixado para cada lote, sendo dada preferência à maior oferta.

9.1 - As áreas e o preço base de cada lote constam dos anexos I e II do presente aviso;

9.2 - Não serão permitidos lances inferiores a 10.000\$00.

9.3 - O licitante que arrematar um lote, depositará 10% do valor do mesmo, na Tesouraria da Câmara Municipal, no prazo de 24 horas, importância esta que reverterá a favor da Câmara Municipal no caso do não cumprimento dos prazos para pagamento do valor restante do lote.

9.3.1 - Deverá ainda ser liquidado 6% do valor arrematado, nos termos do art.º 15.º da Tabela Geral do Imposto de Selo;

9.3.2 - O valor restante do lote deverá ser liquidado nos seguintes prazos: 20% no prazo de noventa dias contados a partir da comunicação da adjudicação, 20% no prazo de cento e cinquenta dias, contados a partir da comunicação da adjudicação; 20% no prazo de duzentos dias, contados a partir da comunicação da adjudicação; 30% no prazo de duzentos e setenta dias, contados a partir

da comunicação da adjudicação.

### IV - DISPOSIÇÕES FINAIS

10. No caso de haver desistência de concorrentes ou se verificar que, após a realização da hasta pública, existem lotes de terreno ainda por arrematar, proceder-se-á a segunda hasta pública.

11. O contrato de compra e venda será celebrado no prazo máximo de trinta dias, após o pagamento da última prestação do terreno.

12. O comprador fica obrigado a iniciar a construção no prazo máximo de dois anos, a partir da data de adjudicação e a tê-la concluída no prazo de três anos, salvo motivo de força maior, aceite pela Câmara Municipal.

13. O projecto-tipo da construção será fornecido gratuitamente pela Câmara Municipal, ficando a licença isenta das respectivas taxas.

14. A alienação dos terrenos e habitação, só poderá ter lugar dez anos após a data da escritura e nos termos da legislação aplicável.

15. O não cumprimento dos prazos ou das condicionantes atrás referidas, fará reverter para a Câmara Municipal a totalidade do lote, independentemente das benfeitorias, sem direito a qualquer indemnização, reserva esta que deve ser objecto de registo na Conservatória do Registo Predial.

16. Em tudo o omissivo ou dúbio, o Executivo decidirá irrevogavelmente e sem recurso.

### ANEXO I

#### HASTA PÚBLICA DOS LOTES DE TERRENO EM GANDRA

1. O valor base de licitação, número de lotes e área são:

LOTE	LOTE m2	BASE DE LICITAÇÃO
1	365	2.340.000\$00
2	170	1.090.000\$00
3	172	1.103.000\$00
4	171	1.096.000\$00
5	168	1.077.000\$00
6	163	1.045.000\$00
7	157	1.007.000\$00
8	207	1.327.000\$00

LOTE	ÁREA m2	BASE DE LICITAÇÃO
9	225	1.442.000\$00
10	158	1.013.000\$00
11	153	981.000\$00
12	148	949.000\$00
13	155	994.000\$00
14	149	995.000\$00
15	336	2.154.000\$00

ANEXO II  
HASTA PÚBLICA DOS LOTES DE  
TERRENO NA VILA DE FÃO

1. O valor base de licitação, número de lotes e área são:

LOTE	ÁREA m2	BASE DE LICITAÇÃO
VIII	138	996.000\$00
1	220	1.955.000\$00
2	215	1.828.000\$00

LOTE	ÁREA m2	BASE DE LICITAÇÃO
3 COMER- CIAL	195 220	1.658.000\$00 3.300.000\$00

Para constar e devidos efeitos se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Esposende e Paços do Município, 25 de Setembro de 1995.

O Presidente da Câmara,  
(Tito Alfredo Evangelista e Sá, Dr.)

**PIZZERIA – CREPERIA – GELATARIA**

*One Way*

**TAKE AWAY – ENTREGA GRATUITA AO  
DOMICÍLIO – ENTREGA EM 30 MINUTOS**

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás  
4740 ESPOSENDE – TELEF. (053) 961566

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

### EDITAL

**TITO ALFREDO EVANGELISTA E  
SÁ, PRESIDENTE DA CÂMARA  
MUNICIPAL DE ESPOSENDE:**

**TORNA PÚBLICO** Para os efeitos previstos no art.º 118.º do Código do Procedimento Administrativo, que se encontra em apreciação pública A PROPOSTA DE ALTERAÇÃO PARCIAL PLANO DE PORMENOR DA ZONA NORTE DA CIDADE DE ESPOSENDE (ZONA NORTE DA AVENIDA DOS BANHOS – 3.ª FASE), e respectivo Regulamento, presente à reunião ordinária da Câmara Municipal, realizada no passado dia 06 de Julho, e que mereceu concordância por parte desta.

Qualquer cidadão pode, sobre a

mesma, exprimir a sua opinião crítica e formular sugestões, as quais devem ser, nos termos da disposição acima citada, dirigidas por escrito ao Presidente da Câmara Municipal, dentro do prazo de TRINTA DIAS, a contar da data do presente aviso.

A proposta encontra-se ao público na Secção Central, da Divisão de Administração e Finanças desta Câmara Municipal, durante o horário normal de expediente, onde podem ser consultados os elementos técnicos que a constituem, assim como o referido Regulamento.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Esposende e Paços do Município, 25 de Setembro de 1995.

O Presidente da Câmara,  
(Tito Alfredo Evangelista e Sá, Dr.)

## O BOM JESUS DE FÃO

(Continuado aa pág. 12)

dos votentes por haver mormuração que todas as Missas que se recebem se não dizem na tal capela, e se distribuem para outra parte e que outro sim se não rejeitem as Missas de esmola de tostão, porque além de ser um gravíssimo escândalo, como presenciei na Romagem de S. Bartolomeu intitulado os devotos e votentes, aos clérigos e Pároco ambiciosos por lhes não aceitarem dessa esmola não faltam clérigos que por ela a vão dizer ao tal Lugar, e esta rejeição talvez seja causa de que as Romagens seguintes concorram menos esmoladas de Missas, por se tornarem a levar para as suas casas as que vinham oferecer e ficar o Bom Jesus sem essa veneração em sua Capela e querer o Pároco que todo o sacerdote lhe vá pedir licença para tal Capela dizer Missa é causa e motivo de que nenhum a querer lá ir dizer sendo devoção, só por não ir ao Lugar pedir-lhe vénia sendo vizinhos, conhecidos em que não pode haver escrúpulo, porém não encontram (9) os oficiais, que todo o clérigo e frade que notoriamente não seja conhecido, lhe vá pedir tal licença.

No dito Lugar presenciei, mandar o Pároco abrir uma sepultura na Capela-mor da Capela contra vontade dos oficiais e Povo de todo o Lugar para nela se enterrar uma mulher e vi que os oficiais publicamente lhe requereram, que para V. Ilustríssima conceder a Bento Moura uma sepultura (10) na tal Capela, que era já sua de seus antepassados fora preciso ouvir todo o povo em o auto de verita; e para se sepultar essa tal mulher na dita capela-mor dependia só de sua licença escusado era então o dito Bento de Moura andar com semelhantes requerimentos diante de V. Ilustríssima, que assim lhe faziam notória força em ser sepultada sem mais autoridade que a sua a cujos requerimentos deferiu dizendo era senhor da tal Capela e que só nela governava e que assim se sepultasse a tal mulher, e por não haver

alguma inquietação, e motim, se calaram os oficiais, e foi sepultada a tal mulher; e se o Pároco levou ou não covagem me não consta, sei só a tem de sua Igreja Matriz (11) e se desta lhe compete, ou está de posse de a haver, não tenho notícias.

Ilustríssimo senhor que pelo que ouço a todo este povo, que no caso que V.ª Ilustríssima lhe não mande executar os sobreditos capítulos; e pôr regimem e ordem, para que as Missas deixadas se distribuam na forma que acima relato, dando os oficiais os parametros aos clérigos sem dependência do Pároco / tirando ele para si as Missas que quizer ir dizer a tal Capela, e de melhor esmola / totalmente largam mão das obras e impossível é poderem mais continuar com elas, porque com essa inquietação ninguém se anima a oferecer nada; e no depósito não há mais que tão somente 200 mil reis de que cem estão já aplicados para o madeiramento da igreja, isto é o que me consta e ouço sobre tudo V.ª Ilustríssima mandará o que for mais serviço do Bom Jesus, que guarde a V. Ilustríssima muitos anos. Fonteboa 3 de Junho de 1720.

Menor criado de V. Ilustríssima".

NOTAS: (1) Actualizei a ortografia e vão por extenso as dezenas de abreviaturas, para facilitar a leitura. (2) Doutores. (3) Moeda de ouro antiga, que valia 400 reis. Foi mandada cunhar pela primeira vez por D. Afonso V em 1457 como apercebimento de guerra para a Santa Cruzada que o Papa Calisto III pregou contra os turcos. O cruzado novo de ouro, com 1.ª cunhagem por D. João V em 1718 valia 480 reis. Assim, 9.000 x 480 = 4.320.000 reis. (4) Já não existe este livro. (5) Esmola de Pedro Domingues da Cruz, a residir na Baía, Brasil. (6) Corresponde a meio litro. (7) Subtende-se "obrigações". (8) Com os clamores vinha a cruz paroquial e o Pároco, que celebrava missa na Capela. (9) Não são. (10) Era descendente de Paulo Carneiro de Figueiredo, com sepultura na Capela-Mor da antiga ermida desde 1626. (11) A covagem era rendimento do Pároco na Igreja Matriz mas no Bom Jesus destinava-se às despesas da Capela, não podendo ser recebida pelo Reitor.

CARLOS MARIZ

# ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA



## DÁDIVA DE SANGUE - CAMPANHA DE RECOLHA

No próximo dia 21 de Outubro, na freguesia de Curvos, a Associação de Dadores de Sangue de Esposende, vai efectuar uma recolha de sangue, com o apoio do Instituto Português de Sangue e da respectiva Paróquia.

Terminado o período balnear, a Associação de Dadores retomou a sua actividade e no sentido de aumentar o número de dadores benévolos. Em 17 de Setembro, em Belinho e a 2.ª acção, em 8 de Outubro, ocorreu em apúlia. Qualquer destas recolhas decorreram com bastantes dadores o que aumenta as perspectivas de se conseguirem bons resultados.

Até finais do ano corrente, Gemeses, Palmeira do Faro e Forjães recebem a visita dos Dadores de Sangue do concelho de Esposende, no intuito de manter o objectivo "de mais sangue de portugueses para os portugueses".

## DOIS MORTOS NA EXPLOÇÃO DE PIROTECNIA

Na freguesia de Antas, pela 2.ª vez e no espaço de cerca de 20 anos, uma potente explosão na oficina de pirotecnia da firma Viana & Filhos, desta freguesia, provocou a morte de dois jovens empregados.

Na manhã de 28 de Setembro último, forte estrondo no lugar do Monte, Antas (Esposende) alarmou as populações em redor. Uma das barracas/oficina de preparação de fogo de artifício, por causas desconhecidas, foi pelos ares de que resultou a morte instantânea de dois jovens empregados: Álvaro Faria Alves, solteiro, 24 anos e Jorge Manuel Vitorino, solteiro, 25 anos, ambos residentes na freguesia de Antas.

Acorreram ao local, os Bombeiros Voluntários de Esposende com viaturas de ataque a incêndios e ambulâncias e auto-tanque, por se desconhecer a dimensão do sinistro.

Do fogo, de imediato foi extinto, deixando uma

clareira em resultado da explosão na qual, os corpos dos jovens ficaram esfacelados.

O estrondo da explosão ouviu-se na cidade de Esposende, a mais de 10 km e provocou tremendo susto às populações de Forjães.

No decorrer do rescaldo do sinistro, os Bombeiros tiveram oportunidade de verificar que as instalações estavam de acordo com as regras de segurança mínima.

## RALI CIDADE DE ESPOSENDE OS CONCORRENTES DO CONCELHO

A 2.ª edição do Rali de Esposende disputou-se nos dias 2 e 3 de Setembro último, saindo vencedor absoluto Rui Moreira/Mário Castro que tripularam um Renault Clio 16v, com o tempo de 26m e 20s, beneficiando da desistência de sérios candidatos ao título nacional.

De acordo com a opinião de especialista a prova esteve muito animada, com despiques entre os 35 concorrentes e que, provocaram muitas desistências por avaria mecânica.

A prova, integrada no campeonato nacional de Ralis na categoria de iniciados, dividiu-se em duas secções, com percursos por estradas dos concelhos de Esposende e de Barcelos.

Entretanto, é de assinalar, a presença das seguintes equipas de Esposende: José Carlos Silva/Rui Carvalho, com SuzukimSwit 1.3 GTI que se classificou a 4m53s do vencedor; Celestino M. Matos/Artur Jorge Costa, em Peugeot GTI, classificados a 61m12s; Paulo Marinho/Manuel Regado em Ford, desistiram por avaria.

De acordo com os comentários da imprensa da especialidade, houve muitas queixas quanto à organização e apoio da prova, admitindo-se que a próxima edição seja desviada para Barcelos. De realçar, no entanto, a opinião de vários concorrentes, dizendo que Esposende tem as condições ideais para disputa de provas deste tipo, mas com outra e melhor organização e apoio.

## RECITAL COMEMORA DIA MUNDIAL DA MÚSICA

No Auditório Municipal, em 30 de Setembro último, a Secretaria de Estado da Cultura e a Câmara Municipal de Esposende, promoveram um recital de canto e piano, em comemoração do Dia Mundial da Música.

O serão, bem agradável, foi preenchido com obras de autores clássicos e poetas portugueses do século XIX, "em diversas épocas e estilos" com a participação

de Elvira Archer e acompanhamento ao piano por João Paulo Santos.

A primeira parte constou de obras para concerto, de Viana da Motta, período de 1868/1948; Cláudio Cameyro, de 1895 a 1963; Fernando Lopes Graça, recentemente falecido.

Na segunda parte, Canção Europeia dos anos 20/30, os artistas, de craveira internacional, exibiram obras de consagrados autores estrangeiros, sobre temas tradicionais.

Nada fazia prever tão reduzida assistência a concerto de interesse cultural, além das composições recheadas de lirismo, agradáveis de ouvir e que prenderam o auditório.

A juventude presente manifestou a sua satisfação pelo concerto que, refira-se, esteve à altura da organização e dos artistas convidados.

## LEGISLATIVAS

### PS VENCE FOLGADO NO PAÍS E PERDE NO CONCELHO

Se era de esperar uma reviravolta no quadro político-partidário nacional, no concelho de Esposende o resultado seria bem diferente.

De facto, o eleitorado respondeu ao apelo dos candidatos pelo Distrito e, de tal modo que todos eles viram aumentados o número de votos no Concelho de Esposende. Assim: PS recebeu mais 2.150 votos, enquanto o CDS/PP, a terceira força política no Concelho, aumentou em 1.167 a sua votação. A CDU, cresceu, em 58 votos. O PSD baixou a sua votação em 1.636 votos.

De referir, ainda, a vitória do PS na cidade e em Fão, Nas restantes freguesias venceu o PSD.

Registe-se, também o comportamento do eleitorado que, na abstenção atingiu cerca de 28%, valor a corresponder à média do Concelho.

Com os resultados conhecidos e a nível nacional, Alberto Figueiredo, presidente da Câmara Municipal, foi eleito por Braga, enquanto os restantes candidatos ficaram longe do lugar em que se encontram na respectiva lista. No Distrito, o PS elegeu 7 deputados, o PSD 6 e o CDS/PP apenas um. A nível nacional venceu o Partido Socialista com 109 mandatos e com hipóteses de atingir a maioria de 116, seguido do PSD com 83, CDS/PP e CDU, com 15 mandatos para cada um deles.

O quadro abaixo reflecte, em sínteses, o panorama político-partidário do Concelho de Esposende e será precioso auxiliar para futura análise, mais profunda, considerando a campanha desenvolvida por cada um dos Partidos concorrentes.

Houve Partidos de menor expansão que receberam alguns votos, mas sem qualquer expressão, caso dos da UDP, Partido da Gente, Partido da Terra, de Solidariedade Nacional, entre outros.

## RESULTADOS NO CONCELHO DE ESPOSENDE

PARTIDOS VOTANTES	ANTAS	APÚLIA	BELINHO	CURVOS	ESPOSENDE	FÃO	FONTE BOA	FORJÃES	GANDRA	GEMESSES	MAR	MARINHAS	PALMEIRA	RIO TUNTO	VILA CHÃ
		1159	2347	1201	481	2274	1670	744	1505	620	640	743	2661	1084	440
CDU	21	11	22	6	90	103	4	52	19	4	21	48	30	4	6
CDS/PP	200	476	176	94	330	256	192	155	153	151	141	48	167	91	119
PS	362	416	232	121	878	636	116	592	183	155	196	901	358	87	158
PSD	520	1387	721	244	500	623	421	649	241	300	358	1034	491	243	410
INSCRITOS	1664	3239	1738	655	2274	2216	1024	2172	794	898	988	9793	1686	594	1213

VOTANTES - 17.858  
INSCRITOS - 23.210

ABSTENÇÃO  
28%

TOTAIS  
CDU - 441  
CDS/PP - 2.749  
PS - 5.341  
PSD - 8.142

# PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## ALGUMAS NOTAS SOBRE A CULTURA DA FRAMBOESA

(Continuado do número anterior)

Os tratamentos a realizar são função do clima, do estado fenológico das plantas, da incidência das doenças e pragas, etc.

Normalmente, efectua-se quatro ou cinco tratamentos fungicidas, mensais, com início no abrolhamento, contra a *Didymella* aplanada, recorrendo a fungicidas organocúpricos, Captan, etc.

Se as condições meteorológicas forem favoráveis ao aparecimento do *Botrytis cinerea* poderão efectuar-se aplicações de Benomil.

No que respeita ao combate às pragas, deve recorrer-se aos insecticidas adequados, em especial aos sistemáticos para combate aos Pulgões, e a acaricidas específicos.

Recordemos, no entanto, que constitui, como que uma imagem de marca, para o grande público consumidor, considerar os pequenos frutos, entre os quais a framboesa que ocupa um lugar de destaque, como frutos silvestres, isentos, portanto, da carga de pesticidas a que infelizmente tiveram que se habituar com outras frutas.

## CULTURA DO TREMOÇO

### GENERALIDADES

Esta proteagínosa cujo cultivo é viável

em grandes áreas do território nacional pode ser utilizada como matéria prima proteica no fabrico de alimentos compostos para animais, directamente se os tremoços forem doces ou depois de lhes serem extraídos os alcalóides (sendo o mais importante e frequente a lupinina) se forem amargos.

Porque o emprego de tremoços amargos como alimento, em qualquer das suas formas, acarreta vários riscos de intoxicação e falta de apetência, actualmente, dispõe-se já (em Portugal ainda em pequenas quantidades) de cultivares doces que evitam aqueles inconvenientes. Não obstante, a cultura já está a expandir-se, pois, tendo os tremoços doces as mesmas propriedades nutritivas que os amargos, não possuem aquelas substâncias tóxicas. Os tremoços doces não têm características morfológicas que permitam distingui-los dos amargos, pelo que, só mediante determinados reagentes é possível a sua diferenciação. Segundo VON SENGBUSH, "são tremoços doces aqueles que contêm como máximo 0,025% de alcalóides". Assim, após a obtenção das variedades doces e para a sua multiplicação, aconselha-se a não cultivá-los a menos de 500 metros da cultura de amargos.

O incremento desta proteagínosa pode contribuir para substituir parcialmente as importâncias de bagaços de soja e outras oleaginosas, cujo acréscimo têm vindo a verificar ao longo dos anos.

### CARACTERÍSTICAS

Nome Botânico	- Lupinus Supp.
Nome Vulgar	- Tremoço
Família	- Leguminosas

### DESCRIÇÃO BOTÂNICA

É uma planta herbácea, anual, com:

**RAIZ** - Aprumada, profundamente, bastante forte e com ramificações laterais.

**CAULE** - Herbáceo e podendo atingir na espécie *Lupinus Albus*, L. uma altura até 1,50m.

**FOLHAS** - Digitadas, geralmente com vários folíolos (5 a 15), ainda que algumas possam ter só 1 ou 3; folíolos iniciados; pecíolo largo engrossado na base; inflorescência em cachos terminais, muito visíveis.

**FLORES** - Podem estar em verticilos ou ter disposição alternada e são de cores diversas: brancas (tremoço, branco), amarelos (tremocilha), azuis (tremoço de folhas estreitas).

**FRUTOS** - São vagens comprimidas, bivalves, deiscentes e contendo poucas

sementes (2 a 6 no tremoço branco, 4 a 7 no amarelo e 4 a 6 no azul). São de forma oval ou quadrangular, com hilo proeminente, de 1 a 2 mm de comprimento; de tamanhos compreendidos entre os 8 e os 15 milímetros na sua maior dimensão e mais ou menos comprimidos, conforme as espécies. O número de sementes por quilograma varia segundo as espécies, de 2.500 a 9.000, sendo de 2.500 a 3.500 no tremoço branco 5.500 a 6.000 no azul e de 8.500 a 9.000 no amarelo.

### 1 - ESPÉCIES E CULTIVARES

Embora existam cerca de 300 espécies de tremoços, os que, no entanto têm mais interesse para a nossa agricultura, são os seguintes:

a) *Lupinus Luctus*, L. (Tremoço amarelo, tremocilha).

b) *Lupinus Augustifolius*, L. (Tremoço de folhas estreitas. Tremoço azul). Segundo Franco (1971), tem duas subespécies: *augustifolius* e *reticulatus*.

c) *Lupinus Albus*, L. (Tremoço branco). Franco (1971), refere à subespécie *albus*.

d) *Lupinus Cosentinii*, L. (Tremoço das Areias).

Estas espécies encontram-se com frequência em Portugal. Porém, o *Lupinus Cosentinii*, é muito menos frequente.

### 2 - CLIMA E SOLOS

Pelas razões atrás expostas, referem-se o clima, solos e técnica cultural das três primeiras espécies apontadas.

Quanto ao clima, os tremoços necessitam para a sua cultura, de tempo fresco, mas não excessivamente frio. Teme as geadas, assim como os fortes calores. Prefere os climas marítimos. O tremoço azul e o amarelo necessitam de maior humidade relativa do ar que o branco.

Quanto a solos, o tremoço prefere os ligeiramente argilosos e férteis, com reacção neutra (pH entre 6 e 7), tolerando até uns 2% de carbono de cálcio no terreno. O tremoço de folhas estreitas ou azul, prefere os solos de certa fertilidade, de marcação ligeiramente ácida (pH entre 5 e 6,5) e uma percentagem de cálcio semelhante ao tremoço branco. O tremoço amarelo ou tremocilha, adapta-se melhor a terrenos armosos, bem drenados, com reacção ácida (pH entre 4,5 e 6) e não necessitam de solos férteis.

(Continua no próximo número)

# DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

## FUTEBOL

### Quadro de atletas

**Guarda-redes** - Quintas (Gandra), Ramalho (Póvoa) e Marco (Fão).

**Defesas** - Cenoura, Esposende; Alex, Marinhos; Pedro I, Fão; João André, Fão; Mateus, Gandra; Valdemar, Fão; Luís, Fão; Pedro II, Esposende.

**Médios** - Sousa, Póvoa; Daniel, Póvoa; Jaime, Póvoa; Grilo, Póvoa; Manuel, Fão; Victor, Fão.

**Avançados** - Nelson, Póvoa; Mikay, Cabo Verde; Formoso, Póvoa; Xavier, Póvoa.

Técnico principal, José Vassalo. Téc. Adjunto, António Ferreira.

Chefe Depart. Futebol, Alberto Carlos.

### Campeonato distrital da Divisão de Honra da Associação Futebol de Braga

Últimos resultados: Fão, 2 - Celoricense, 0.

### Taça Associação de Futebol de Braga: Fão, 2 - Necessidades, 1.

Apesar de a preparação para a nova época não ter sido muito prometedora devido aos resultados negativos obtidos nos jogos particulares efectuados, a verdade é que, quando começou a doer, o Clube Futebol de Fão deu um ar da sua graça, e se, no confronto com o Necessidades a contar para a 1.ª eliminatória da Taça a vitória não foi muito convincente porque a exibição também o não foi, o mesmo não se poderá dizer do primeiro jogo do campeonato no qual os homens de Celorico de Basto não tiveram qualquer hipótese de desfeitear os fangueiros, tal foi o empenho destes no querer ganhar a partida e não só: também no querer jogar bem motivando os espectadores presentes no

Campo Artur Sobral para a presente temporada que não se avizinha fácil e se levarem em conta as aflições da época passada e delas retirarem as lições devidas, todos esperamos que isso seja um bom prenúncio para uma época mais positiva quanto a resultados dos jogos, porque nos resto foi um ano de trabalho com muito mérito.

## CANOAGEM

### Exposição dez anos de vida:

Durante o Verão, esteve patente ao público, na sala convívio do Clube Náutico de Fão, um admirável espólio desta colectividade com o tema acima referido. Na abertura do evento estiveram como convidados nas instalações desta agremiação desportiva, o sr. Presidente da Câmara, o sr. Verador do Desporto da mesma, Junta de Freguesia de Fão, responsáveis dos jornais de Esposende e Rádio da mesma cidade.

Brilhante iniciativa esta, coordenada pelo dirigente Carlos Calda Rios, muito bem apoiado pelos atletas do Clube. Durante dois meses, os visitantes desta exposição puderam avaliar **in loco** a grandeza desta colectividade e isso não passou despercebido ao presidente do Partido Popular que na sua passagem por Fão, em campanha eleitoral, quis dar uma de **grandioso para uma terra tão pequena**. Pois é sr. Dr., há muitos fangueiros, mas com certeza muitos mesmo que têm a mesma opinião, mas também há-de haver muitos que não sabem nem viram o quo senhor viu numa terra tão pequena como Fão. Como exemplo, vamos fazer apenas uma resenha do palmarés individual dos atletas fangueiros: títulos nacionais conquistados: Belmiro Penetra, quarenta e cinco medalhas de ouro, prata e bronze, no open de juniores, em Inglaterra. Presença nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em sete camnatos do Mundo e não vamos enumerar

as medalhas conseguidas em regatas por esse mundo fora.

Lázaro Penetra, quatro, e também várias vezes representou a selecção nacional.

Emílio Araújo, sete, também canoísta internacional. Carlos Vieira, dezasseis, atleta seleccionado, Luís Faria, sete, atleta internacional. Carlos Silva, seis. Miguel Pedras, quatro, a última chamada à selecção foi para a Taça Mundo de Juniores, na Holanda. João Filipe Santos, um, a primeira internacionalização foi recentemente na Eslováquia. Pedro Miquelino, um. Luís Coelho, três. António Roxo, dois. João Ferreira, dois.

Noventa e oito títulos nacionais conseguidos individualmente, no seu conjunto o Clube Náutico de Fão tem um curriculum invejável que não vamos aqui enumerar. Apenas dizer para terminar que nas dezenas de fotografias expostas algumas eram bem elucidativas sobre a actividade desportiva e recreativa do Clube Náutico de Fão.

## TORNEIOS ABERTOS

Como vem sendo habitual, muitos são os jovens que nas férias grandes aparecem nas instalações do clube para se iniciarem nesta modalidade desportiva. Este ano não fugiu à regra. Diariamente, de manhã e de tarde, treinaram ajudados nesta azáfama pelos atletas Miguel Pedras e Célio Pereira "este moço vem todos os dias de Rio Tinto para Fão de bicicleta", preparando-se para as provas regionais a disputar. "Este Verão foram em Prado e na Barca do Lago, com o objectivo de conseguirem resultados que lhes permitisse estarem presentes na prova nacional que teria lugar em Tancos, no final do mês de Setembro e assim apurados para essa fase final foram quatro rapazes e uma menina.

Cinco jovens canoístas chegaram à fase final. Resultados mais significativos. Nos 200m eliminatórias, Marília Silva, 1.º lugar na 1.ª série, assim como Mauro Loureiro e Alexandre Costa foram 7.º nas suas séries, nos 2000m, Marília Silva 6.º lugar, Mauro Loureiro 15.º e Alexandre Costa 14.º lugar.



# REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

**REIMELI**

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 60 91 018 - 60 63 748 - FAX 66 73 85  
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 759 72 06



Marília Silva a única menina que participou nos torneios abertos do Clube Náutico de Fão

## RECORDAÇÕES DE FÃO DE ANTIGAMENTE

(Continuado da pág. 2)

história verídica da boca de minha querida avozinha, que sempre que entro naquela igreja, dá-me a sensação de que aquele templo tem no ar um misto de sofrimento e amargura. Talvez por ser confidente silencioso das desditas das mulheres antepassadas de Fão.

MARIA ROSÁLIA

## DOENTE

Foi submetida a melindrosa operação cirúrgica, no hospital de Barcelos a fangueira Elvira Cardoso da Fonseca, mais conhecida por Virinha Domingas. Desejámos rápidas melhoras.

## NOVA CAMINHADA

Eu sei que não te julgas um inútil  
Neste mundo onde tu estás inserido.  
Mas digo que não queiras vida fútil...  
Deixa atrás o caminho percorrido.

Escolhe agora uma nova estrada!...  
De face levantada segue em frente  
E assim começa a nova caminhada...  
Sem esquecer que foste sempre gente.

Sentirás jovem sol a te beijar:  
Abrirá no teu peito linda flor!...  
Novo amanhã verás tu despontar  
E em teu coração, dádivas de amor.

FLORINDA ALMEIDA

## A TAVERNA DO CRIADO

Ora cá temos uma coisa que tanta falta fazia na terra. Referimo-nos a um novo estabelecimento que abriu em Fão, no sítio onde antes era a loja do Xeilho ou, se quiserem, em frente à Garagem Imperial. Chama-se *A Taverna do Criado*, pertence ao casal Celeste/Valdemiro Lopes Cardoso e seus filhos: Maria Celeste, Valdemiro, Gastão, Prof.ª Maria Armada, Eng.ª Ivone e Paulo Belo Lopes Cardoso. Aquilo não é só uma taverna, é também um restaurante, é um café e simultaneamente uma pastelaria e tem a assinatura de um dos filhos que tem o curso de hotelaria em decorado nas suas três salas, dispondo de bons pitéus e doce sortido, sobretudo caseiro, está ali para durar.

Será mais um estabelecimento que desenvolverá a movida fangueira, embora abra todos os dias pela manhazinha. Mas que vai ter sucesso para as noitadas lá isso vai.

## FANGUEIRO QUE SE DISTINGUE

Miguel Ângelo Vieira Solinho, nosso conterrâneo, foi agraciado com a medalha de 1.ª classe, por ter obtido o 1.º lugar no Curso de Especialização de atirador-explorador, no Regimento de Cavalaria de Estremoz. Mais uma honra para a terra de Fão.

## FESTAS DA BONANÇA

Nos dias 25, 26 e 27 de Agosto, decorreram em Fão as festas da Bonança, ou mais exactamente, em honra da Senhora da Bonança.

Houve a parte religiosa com missa, sermão e procissão. A parte profana esteve a cargo dos foguetes, músicos, tamborileiros, bancas de *souvenirs* e de comes e bebes. Foi uma festa minhoto que decorreu no melhor dos mundos.

Os organizadores têm sobejos motivos para se sentirem satisfeitos.

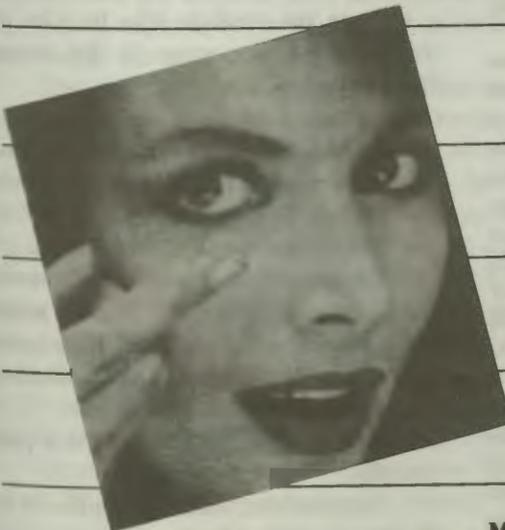
## VENDE-SE

• Uma parcela de terreno em Fão, no caminho Chico Glória com 22 metros de frente para a rua e com a área de cerca de 6000m<sup>2</sup>.

• Vende-se também um terreno em Gemeses a 2 minutos da Barca do Lago. Tem água corrente todo o ano. Tem frente para a estrada camarária. Sítio paradisíaco. Excelente para construção de quintinha de lazer e/ou recreio. Telefone: dias úteis das 9 às 18 h para o n.º (058) 822349. Outros dias ou depois das 18 h (053) 982166

**Optica Oliveira**

ALEIXO FERREIRA, LDA.



• ÓPTICA MÉDICA

• LENTES DE CONTACTO

• APARELHOS DE PRECISÃO

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

MARCAÇÃO DE CONSULTAS DE: OFTALMOLOGIA E OPTOMETRIA

Rua da Misericórdia, 4/6 — Tel. 7 57 77 • 4700 BRAGA

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarinho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
João Pedras  
Carlos Mariz  
Marta Mariz Mendes  
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 981475 - 982150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318  
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"  
Anual..... 10000\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.

# O BOM JESUS DE FÃO

(CONTINUAÇÃO)

## PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

## Conflito com o Reitor de Fão 1718/1720

Obedecendo ao despacho do Prelado, o Abade de Fonte Boa, Padre Manoel Malheiro Marinho, informou (1):

"Satisfazendo ao despacho de V. Ilustríssima na petição e papéis inclusos acho que a Capela de que se trata está no distrito do Lugar de Fão, que os Párocos da dita Igreja administraram; e por estar indecentíssima, por os párocos lhe comerem as ofertas, sem cuidar na reformação dela, e veneração do Bom Jesus, mandou V. Ilustríssima por especial decreto ser visitada pelos D.D. (2) Manoel Pinheiro Ramos e António da Costa, que vendo a sua incapacidade deixaram os capítulos que consta da exposição junta e que foi no ano de 1707.

Por virtude destes capítulos se animou o povo de Fão a querer fazer a Capela de Bom Jesus, e com sua indústria, e agência de esmolas que tem adquirido tem gasto até ao presente na dita obra melhor de nove mil cruzados (3) como consta do livro da despesa (4) e não há notícia nem presunção que na administração desse dinheiro haja desvio algum ou descaminho, antes até ao presente os oficiais com grande fervor e devoção têm tratado erecção da tal obra, e para a acabarem com grandeza, e decência que determinaram vão ainda de gastar muito para a sua perfeição.

Toda a inquietação deste povo com o seu Pároco, / que é grande por viverem todos em ódio e inimidade / é por ver de alguma sorte lhes era contra as disposições dos capítulos de que acima faço menção, e lhes não dar a eles cumprimento, querendo absolutamente dispor a seu arbítrio, e que nada se faça sem sua autoridade satisfazendo-se os oficiais do Bom Jesus tão somente com o disposto neles, e execução da sentença apensa, no que me parece lhe não tiram, nem perturbam a jurisdição do Pároco.

Como contra os sobreditos capítulos tem

ficado alguns em contrário nas visitas que nos anos subsequentes houve no tal lugar, com eles vejo esse povo tão inquieto que pelo que ouço e me consta, não lhes mandando V. Ilustríssima executar a sobredita visita de 707, acabadas estão as esmolas destas obras, para mais se não poder correr com elas porque como as pessoas que com elas contribuem ordinariamente são filhos do mesmo lugar que se acham nas partes do Brasil, antes se lhes escreveu esta frota não mandarem mais cousa alguma, pelo muito que o Pároco os inquieta e que sim lhas continuarão no caso que administração dessas obras fique aos oficiais, ou povo do mesmo Lugar.

Todo o sobredito tem tanto esfriado aos devotos, que um do mesmo Lugar que por sua devoção queria azulejar toda a Capela-mor e Igreja, vendo o modo que o Pároco os inquieta, se não a fazê-lo; outro do mesmo Lugar que mandou ordem para dourar a Tribuna (5) e retábulo para cujo princípio mandou 460 mil reis, e que lhe avisassem do mais gasto para o enviar vendo cá os seus procuradores essa inquietação com o Pároco tem suspenso o ajuste dessa obra e sem essas avantajadas esmolas, e as mais que costumam mandar se não poderem continuar com as obras nem acabá-las na forma que se tem delineado, e com a grandeza que a tal obra vai pedindo porque a esmola do caixão mal pode chegar para fabrica quando mais para continuar com elas pois ao muito poderá render quarenta mil reis e finalmente Ilustríssimo Senhor outro mandou todas as madeiras necessárias para portas, grades, púlpitos em abundância, avisou que a factura de tudo havia de correr por sua conta cuja despesa não há-de ser pequena com as ferragens, e o povo que pediu a Sua Magestade uma Provisão por vinte ou trinta anos para um quartilho (6) de vinho se lhe acrescentar mais um real me consta que publicamente dizem, que mais com ele não querem contribuir, que se o Pároco é senhor absoluto da tal Capela, a faça à sua custa e a fabrique daqui em diante e não faça com a sua diligência.

Pelo que tenho entendido, e alcançado desse Povo o com que se satisfaz é que V. Ilustríssima lhe mande observar os capítulos dos ditos Doutores Manuel Pinto Ramos e António da Costa, que os oficiais tenham as suas e haver na forma que (7) eles dispuzeram e que o Pároco tenha outras: que o livro das esmolas das Missas esteja em poder do tesoureiro, e no caixão da Capela, para que todo o Clérigo que nela quizer ir dizer Missa, tenha logo aí pronta a sua esmola no mesmo livro passe a certidão e que os oficiais possam livremente dar os parametros a todo o sacerdote que as quizer ir dizer sem dependência do Pároco não só aos Clérigos do Lugar mas freguesias circunvizinhas, e Párocos que a tal Capela vão com os clamores (8) e a clérigos que notoriamente sejam conhecidos e reconhecidos por tais; em contram (9) que das suas Missas escolha o Pároco aquelas, que lhe parecer de melhor esmola, porém que queedo-a levar ou há-de ir dizer a mesma Capela por assim ser vontade

c. O televisor está ligado mas eu não olho. Ouço qualquer coisa, o som embala-me, e o texto vai surgindo.

Parece que a "Sic" faz três anos mas o que eu vejo, com os olhos da alma, é o Largo de Fão, tantas vezes sonhado, tantas vezes cantado.

Estou aqui e vejo o Clube (que já conheceu melhores dias), a Igreja e a Capela, as árvores paralelas, o manso rio, lá ao fundo...

E depois aquele ar, aquele silêncio, aquela paz.

De vez em quando, tenho de fugir para lá.

Paragem obrigatória é a "Rita", onde o Fernando bebe, em baixo, um "aperitivo" e eu absorvo, a grandes goles, a saudade gostosa que me alimenta, nestas terras do Marão.

Findo o "aperitivo" do Fernando, subo as escadas, tantas vezes calcadas e fico na mesma mesa de sempre.

Dali a a nada, a menina vem, sorriso de Gioconda, e eu, enquanto o grupo não chega, olho o Largo, como azeitonas e sorrio para dentro de mim.

É quase um programa fixo.

Depois, eu não sei se já disse isto, salvo uma ou outra "modernice,, Fão mantém os mesmos muros em labirinto medievo, onde ninguém se perde, a não ser a alma de quem a ama.

Aí, então, perde-se para sempre...

Esta crónica vai ser entregue amanhã e eu já preparei tudo aqui no "quartel" para a saída.

Desta vez, nenhum filho irá. Uns pelo trabalho, outros porque já têm os seus "programinhas".

É assim a família moderna.

Eu não tenho grandes queixas, porque todos sabemos de todos, apesar da idade e das funções.

Somos assim e já não mudamos.

Assim sonhadores, emotivos, fantasistas e exímios a transmitir, aos filhos e amigos, o sortilégio enfeitiçante de Fão, onde a saudade dói como um brinquedo de criança.

Ou como um primeiro amor.

Mas, reparo agora que me deu para a emoção.

Qualquer dia, mudo as agulhas e trato de assunto mais cultural.

É que me anda bailando, no subconsciente, a pergunta, aliás pertinente: por que desapareceu o sotaque fangueiro na fala do vosso povo?

Quem me responde?

### PARA QUE CONSTE

Há acontecimentos que pela sua raridade recebem o nome de *casos insólitos*, por serem inusuais, mas que na realidade não têm nada de extraordinário. A sua singularidade ou excepcionalidade depende das pessoas que neles (actos) intervêm.

Pois há dias entrámos na Pápa e imaginem lá o que vimos: nada mais nada menos que a Zairinha Turra, abancada a uma mesa, em conversa com pessoas amigas. E onde é que está o extraordinário da questão? É exactamente na sua raridade. com efeito, nunca vimos a nossa querida amiga sentada a uma mesa de café com quem quer que fosse.

E para que conste, aqui fica a respectiva notícia, como prometemos.

(Continua na pág. 10)